

Mulheres e poderes: uma leitura discursiva de filmes

Janaina de Jesus Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: janaina.santos@uesb.edu.br

1611

Palavras-chave: Discurso. Mulher. Poder

INTRODUÇÃO

Neste estudo, temos o objetivo de compreender a constituição do sujeito mulher, à luz dos estudos discursivos foucaultianos. Para tanto, inicialmente, discutimos algumas contribuições teóricas sobre a mulher e suas ressignificações históricas; a seguir, abordamos como discursos materializados nos filmes *Maleficent* (Robert Stromberg, EUA, 2014) e *Lute como uma menina* (Flávio Colombini; Beatriz Alonso, Brasil, 2016) produz o lugar das mulheres; e, por último, analisamos as relações de poder e a constituição do sujeito-mulher no presente. Assumimos as noções foucaultianas de enunciado e sujeito (Foucault, 2007a), bem como os princípios metodológicos arqueogenealógicos. Daí, fazemos a descrição histórica de acontecimentos discursivos diretamente relacionados com a constituição das mulheres, na busca pelos eventos que determinaram o aparecimento de discursos de autoafirmação em articulação com a reconstrução das inter-relações de saber-poder que compõem regimes de verdade no presente (Foucault, 2007b).

METODOLOGIA

A perspectiva arqueogenealógica foucaultiana nos fornece ferramentas teórico-metodológica para analisar discursos em diversas materialidades, com a noção de enunciado, que não se restringe ao linguístico, mas precisa da linguagem para ter

Realização:



Apoio:



existência. Analisamos recortes dos dois filmes, considerando as condições de possibilidade, sua narrativa, sua materialidade de imagem em movimento e som.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A constituição discursiva do sujeito mulher no presente é tecida por práticas que desafiam os estereótipos de “mulher” e tensionam a ordem discursiva patriarcal, pela reivindicação de participação sócio-política e distanciamento dos lugares tradicionalmente destinados a mulheres, principalmente aqueles ligados ao espaço privado. Isso demonstra o resultado de lutas seculares no tensionamento da ordem do discurso que esquadrinha os espaços, divide os tempos e hierarquiza os sujeitos. Trata-se de reconhecer a potência das mulheres para realizar funções que anteriormente eram única e exclusivamente dos homens.

Com Foucault (1997), percebemos que as mulheres se constituem nas lutas por direitos diante de relações de poder que produzem efeitos de limitar seu posicionamento sócio-político dentro da ordem do discurso patriarcal e determinam seus modos de existência. Sobre a vontade de verdade sobre as mulheres, Foucault (2007c) afirma:

Ora, os movimentos feministas aceitaram o desafio. Somos sexo por natureza? Muito bem, sejamos sexo mas em sua singularidade e especificidade irredutíveis. Tiremos disto as consequências e reinventemos nosso próprio tipo de existência, política, econômica, cultural...

Perrot (2006, p. 468) salienta que, apesar das lutas históricas das mulheres, ainda que elas exerçam cargos de extremo poder, na tecitura dos discursos existe uma predominância machista que rege as leis para oprimi-las. Em suas palavras, “Tão longe quanto se possa olhar no horizonte da história, vê-se apenas a dominação masculina.”

Perguntamos quem somos nós hoje, que queremos ver a exibição nas telas do cinema do comentário fílmico de contos de fadas, especificamente da *A Bela Adormecida* (Giambattista Basile, 1634; Charles Perrault, 1697; Irmãos Grimm, 1812) no filme *Malévola*. Muitas vezes, as princesas dos contos de fadas inspiram meninas e mulheres,

Realização:



Apoio:



criando e cristalizando características que foram associadas ao universo feminino, tal como a delicadeza, generosidade, beleza, subserviência e o casamento, como o ápice da felicidade feminina.

A partir do aporte teórico-metodológico discutido, operamos recortes de enunciados para identificar as relações de poder que produzem os sujeitos e mostram que a mulher ao ocupar espaços de decisão, tencionam a ordem discursiva e as forças. Desta forma é possível compreender as relações de poder que tecem a sociedade, uma vez que os discursos são construídos historicamente, se movimentam, desaparecem e reaparecem a partir das irrupções de acontecimentos que nos tecem.

O primeiro recorte é a cena em que a protetora do reino dos Moors Maleficent lidera um exército para defender o reino contra o ataque do rei Henry. Logo no início do filme, ela é descrita pelo narrador como “menina, que não era uma menina qualquer, era uma fada”; enquanto ele é enunciado como “rei vaidoso e ganancioso”.

No confronto, em ângulo plongèe, o rei diz: “A king, does not take orders from a winged elf” (“Um rei não obedece a ordens de um duende alado”). Ao que Malévola, enquadrada em contra-plongèe, responde: “You are no king to me” (“Você não é um rei para mim.”) Vemos, pois, o questionamento recíproco da autoridade na materialidade verbal. Entretanto, o enquadramento dos personagens revela pistas que valorizam a autoridade da fada em comparação com o rei. Tratam-se de elementos visuais materializados no plano: inicialmente, o ângulo da câmera contra-plongèe (de baixo para cima) da fada em oposição com o plongèe (de cima para baixo) do rei; outro elemento é o enquadramento, enquanto a fada é mostrada em tamanho maior e sozinha no plano, o rei é mostrado em plano conjunto com seus cavaleiros. Então, seu olhar é de cima para baixo, onde se encontram os homens. Esses enunciados materializam discursos de resistência que valorizam e afirmam a participação da mulher em posições de liderança e decisão.

Tomando as palavras de Foucault (2007a, p. 56), perguntamos “Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter essa espécie de linguagem? [...] Qual é o *status* dos indivíduos que têm – e apenas eles – o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso?”

Realização:



Apoio:



No filme, a fada ocupa um lugar de prestígio, a função de protetora, outrora predestinado aos homens, uma vez que força e a coragem eram atributos estritamente masculinos. A rainha das fadas ocupa função de sujeito discursivo com *status* amparado na competência e no saber que lhes confere poder soberano no reino dos Moors. Assumindo esse *status*, Malévola enuncia revelando a função de sujeito que exerce o poder e tenciona a ordem discursiva patriarcal. Percebemos, então, a supremacia do homem branco e a resistência de Malévola a obedecer suas ordens. Além disso, a fada e seus protegidos venceram o combate, desencadeando a ira do rei e sua obsessão por vingança.

Tomamos os questionamentos de Foucault (2007c, p. 238): “Como funciona o poder? É suficiente que ele proíba violentamente para funcionar realmente? E em seguida: será que ele sempre se precipita de cima para baixo, do centro para a periferia?”. É sabido que o filósofo propõe entender o poder não diretamente ligado ao Estado, mas por relações nas microinstâncias, locais e específicas, ou em outros termos como exercício concreto entre indivíduos e no cotidiano. Daí, há possibilidade de lutas contra esse exercício dentro da própria relação, “pontos móveis e transitórios” de resistência na rede de poderes (Machado, 2007, p. XIV). Ou, nas palavras de Foucault (2007a, p. 239), “Ela não é anterior ao poder que ela enfrenta. Ela é coextensiva a ele e absolutamente contemporânea.”

No filme documentário *Lute como uma menina*, o enredo mostra a ocupação de escolas paulistanas em resposta às investidas do governo estadual de fechamento de algumas. Os estudantes e as estudantes se organizaram em resistência ao modelo tradicional de política e agregaram aspectos de gênero e cultura no rol das reivindicações. Foi um movimento sem representação política institucionalizada e sem lideranças constituídas, marcado pelos laços do cotidiano e voltadas para resolver problemas do cotidiano. Ele buscava se constituir por meio de relações mais horizontais como forma de posicionamento político nas interrelações e, marcadamente, com lideranças femininas. No conjunto do documentário, destacamos dois enunciados: o primeiro, nos momentos iniciais, quando tratam de contexto de luta, força e organização: “Elas são muito mais do que esses caras acham que elas são.”; e o outro ao tratar de gênero e feminismo: “Como

Realização:



Apoio:



uma mulher quer ser tratada.” Esses enunciados verbais dialogam diretamente com imagens que circularam nas mídias sobre o movimento, especialmente quando mostram meninas resistindo às investidas de forças policiais, por vezes, sozinhas.

Nesse sentido, podemos traçar um paralelo entre, por um lado, esse confronto de policiais e meninas; e de outro, Malévola e o rei Henry e seu exército. Tratam-se de embates contra modelos tradicionais de política, discursos patriarcais e perspectiva de poder centralizado no Soberano ou no Estado. Na modernidade, o poder sobre a vida é exercido por meio de diversas práticas para atingir o controle do corpo, seus gestos e comportamentos, como explica Foucault (2007c, p. 161) de que o poder atua “[...] em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o próprio grânulo dos indivíduos, atinge seus corpos, vem inserir-se em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana.

Diante dos recortes apresentados, percebemos que as mulheres alcançaram *status* de quem pode enunciar e ser ouvida/vista, pode ocupar espaço público, pode liderar. Assim como a protetora do reino Moors no filme de temática fantástica-maravilhosa, a atualidade dos movimentos sociais e dos cargos de decisão estão marcados pela presença de mulheres. Vemos, então, que posições de comando que eram destinadas somente aos homens são reivindicadas por mulheres e meninas. Neste sentido, Perrot (2005) salienta que apesar das mulheres lutarem por liberdade e ser independentes elas ainda ocupam poder nas esferas privadas, pois existe um limite nos posicionamentos socio-históricos dentro da ordem do discurso patriarcal que restringe os modos de existência das mulheres.

CONCLUSÕES

Os resultados apontam que as ressignificações das mulheres são processos que irrompem historicamente, mudam o *status* do sujeito e lhes possibilitam diferentes modos de existência. Foi possível abordar como os discursos produzem as mulheres no amálgama entre feminilidade e virilidade, bem como dar ênfase a questões sócio-culturais atuais, tendo como superfície os filmes selecionados. Concluimos que a constituição do

Realização:



Apoio:



sujeito mulher no presente é tecida no tensionamento das relações de poder, num movimento constante que desafia discursos patriarcais.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007a.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2007b.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007c.

LUTE como uma menina. Direção: Flávio Colombini e Beatriz Alonso. Brasil, 2016. 1h16min. Colorido.

MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007c. p. VII-XXIII.

MALÉVOLA. Direção: Robert Stromberg. Roteiro: Linda Woolverton. EUA, 2014.DVD. 1h37min.colorido.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. Tradução: Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2015.